



ARTEPARÁ2015

ARTEPARÁ2015

ARTE PARÁ ANO 34

Curador Paulo Herkenhoff

Museu do Estado do Pará
Espaço Cultural Casa das Onze Janelas
Museu Paraense Emílio Goeldi

FUNDAÇÃO ROMULO MAIORANA

8 DE OUTUBRO A 6 DE DEZEMBRO DE 2015

Belém-Pará
2016

O Arte Pará tem orgulho da sua tradição no cenário local, ao longo de uma trajetória em prol da arte e da educação. Na busca de novos horizontes, reinventa-se a cada edição e integra-se ao contexto regional e nacional.

Gostamos muito do que produzimos e queremos estender às demais regiões do país, mas também desejamos conhecer o que é produzido em outros territórios. Ao atravessar conceitos, provocamos interligações com outras culturas e manifestações artísticas.

A 34ª edição do Arte Pará é um espaço da diversidade, onde as obras refletem linguagens diferenciadas, porém dialogam no sentido da universalidade. Integra também a política cultural, ao instigar a reflexão sobre a produção do estado do Pará.

Nosso Estado não se esquivava de honrar o seu compromisso de aliar talentos. Os dezesseis participantes da mostra e a convidada Anna Maria Maiolino fizeram desta edição um intercâmbio entre o público, especialistas, estudantes e artistas.

Lucidéa Maiorana
Presidente
Fundação Romulo Maiorana



O ano de 2015 representa um grande desafio no contexto do Arte Pará e nas metas da Fundação Romulo Maiorana: houve mudanças, experimentos e exercícios no trabalhar com a arte.

O Salão passou pela entrega das obras físicas, dossiês, portfólios *online*, entre outros, obedecendo a um regulamento. Nesta edição, optamos por aproximar artistas de diferentes regiões. Como diz Mário Pedrosa: “A vida é maior que o regulamento”.

Paulo Herkenhoff dividiu a curadoria com Armando Queiroz, para as regiões Norte e Centro Oeste. Bitú Cassundé, no Nordeste e Pablo Lafuente, no Sul e Sudeste do país.

Desse encontro entre os curadores resultou a pluralidade de visões que caracteriza esta edição. Do diálogo entre eles, dezesseis artistas compõem a mostra: Ayrson Heráclito, Bárbara Wagner e Benjamin de Burca, Carlos Mélo, Cristiano Lenhardt, Daniel Lie, Elza Lima, Fabiana Faleiros, Francisco Klinger Carvalho, Luiz Baltar, Luiz Braga, QUALQUER QUOLETIVO, Rafael RG, Romy Pocztaruk, Wagner Barja, Virgínia de Medeiros e Yuri Firmeza.

Anna Maria Maiolino volta ao cenário do Arte Pará como artista convidada.

Agradecemos o patrocínio dos Supermercados Nazaré e da Faculdade Integrada Brasil Amazônia (FIBRA) e o apoio das Organizações Romulo Maiorana, do Governo do Estado do Pará, Secult, Seop, O Liberal na Escola, Setrans-Bel e Sol Informática. O incentivo dessas empresas privadas e públicas mostra que a arte consegue agregar, com sensibilidade e trabalho, ações culturais e educativas que sempre alcançaram excelentes resultados.

Agradeço a Deus e à memória de meu pai, Romulo Maiorana, que nos inspira e traz boas energias para que continuemos e, principalmente, acreditemos na força da arte e da educação.

Roberta Maiorana

Diretora Executiva
Fundação Romulo Maiorana

Lançado no início dos anos 1980 por Romulo Maiorana, o Arte Pará tornou-se uma referência no Brasil como o mais antigo evento do gênero, promovido pela iniciativa privada. Em mais de três décadas, o grupo O Liberal e sua Fundação Romulo Maiorana organizam uma das mais significativas mostras de arte contemporânea do país, fruto de uma ação empresarial de fôlego, que poucos Estados ousam realizar.

Todos os anos, as notícias e ações do Arte Pará mobilizam a Região Norte e atravessam o país. Atuando há mais de décadas, o Arte Pará merece destaque pelo seu papel relevante no apoio à promoção e à formação de artistas no Pará, além de ser um espaço de contato com a produção artística nacional. Se ainda são grandes as distâncias que separam a Amazônia dos centros hegemônicos, o Arte Pará cria um elo entre os agentes e o mercado de arte, num país dividido e de dimensões continentais.

Em 2015, o Arte Pará experimenta um novo modelo curatorial, ao organizar-se, por meio de convite, uma equipe nacional de curadores, composta por Armando Queiroz, Bitu Cassundé e Pablo Lafuente, e que contempla a participação de artistas da Região Norte e das demais regiões do país. Haverá um número maior de artistas da Amazônia, visando revelar os emergentes e homenagear os já consolidados. O resultado é uma expressiva mostra nacional organizada pelo Pará, fato raro em décadas de crescente hegemonia dos bancos e empresas que utilizam os incentivos fiscais da Lei Rouanet.

É preciso que as riquezas produzidas pelo solo do Pará e nas atividades de mineração, indústria, comércio e bancárias revertam para o próprio Estado e sejam democraticamente distribuídas. Por isso, o patrocínio do Arte Pará pelos Supermercados Nazaré e pela Faculdade Integrada Brasil Amazônia (FIBRA) tem um significado especial, como demonstração de avançada cultura empresarial no século XXI e de responsabilidade social para com a Amazônia. O apoio da Setrans-Bel ao projeto educativo também é admirável, pois o Arte Pará encampa um processo experimental voltado para a educação.

Paulo Herkenhoff

Curador Arte Pará



MUSEU DO ESTADO DO PARÁ

Preferimos Mil Vezes a Morte
Instalação | 2015
QUALQUER QUOLETIVO



Sacudimento

Ato de agitar com força, repetidas vezes, exorcizar. O Sacudimento da *Casa da Torre (Baião, Portugal)* e O Sacudimento da *Maison des Esclaves (Ilha de Gorée, África)* é uma videoinstalação – registro de uma *performance*, articulada como dípticos, do artista Ayrson Heráclito, cujo eixo central é o “sacudimento” ou o “exorcismo” desses dois grandes monumentos arquitetônicos ligados à colonização e ao tráfico de escravos. Situados em margens opostas do Atlântico, um representaria a imposição da partida e o outro um acolhimento violento. Assim, com este trabalho, o artista procura atuar, enquanto fruto da diáspora negra, como agente histórico, pelo fulgor desse ato de agitar pontos de um legado.

AYRSON HERÁCLITO

O Sacudimento da Casa da Torre
O Sacudimento da Maison des Esclaves em Gorée
Videoinstalação





O Sacudimento da Maison des Esclaves em Gorée: Díptico I
Fotografia | 2015









Faz que vai

Desde 2012, o frevo é reconhecido pela UNESCO como Patrimônio Imaterial da Humanidade. Na videoinstalação “Faz que vai” (2015), de Barbara Wagner e Benjamim de Burca, os artistas entrecruzam questões de corpo, gênero, com a dança típica do Nordeste brasileiro, ao evidenciar quatro personagens (Tchanna, Bhunno, Ryan e Edson). Estes praticam diferentes ritmos coreográficos, como o funk, brega, swingueira, quadrilha, em conjunto com o frevo. Neste trabalho, enquanto elemento pulsante da cultura local, o frevo instiga relações entre patrimônio e produto, numa nova construção de subjetividades, que implicam em questões tradicionais, econômicas e sociais.

**BÁRBARA WAGNER E
BENJAMIN DE BURCA**





Faz que Vai, Tchanna
Still | 2015



Faz que Vai, Edson
Still | 2015





DANIEL LIE



Podre Show
Instalação e performance | 2015



Nada fica. Frutas e plantas que mudam, transformam-se, crescem, desaparecem... Mas também o que as sustenta – materiais não orgânicos – cordas, colunas, paredes, pedras, minerais... Eles também mudam, ainda que isso não aconteça em nosso tempo, se não conseguimos perceber. Juntos, no trabalho de Daniel Lie, esses elementos, em articulações provisionais, criam um espaço de memória, mas também de experiência, de convivência, de construção de futuro. A única certeza é que o que encontramos no começo não existirá mais no final; o resto precisa ser construído no processo.

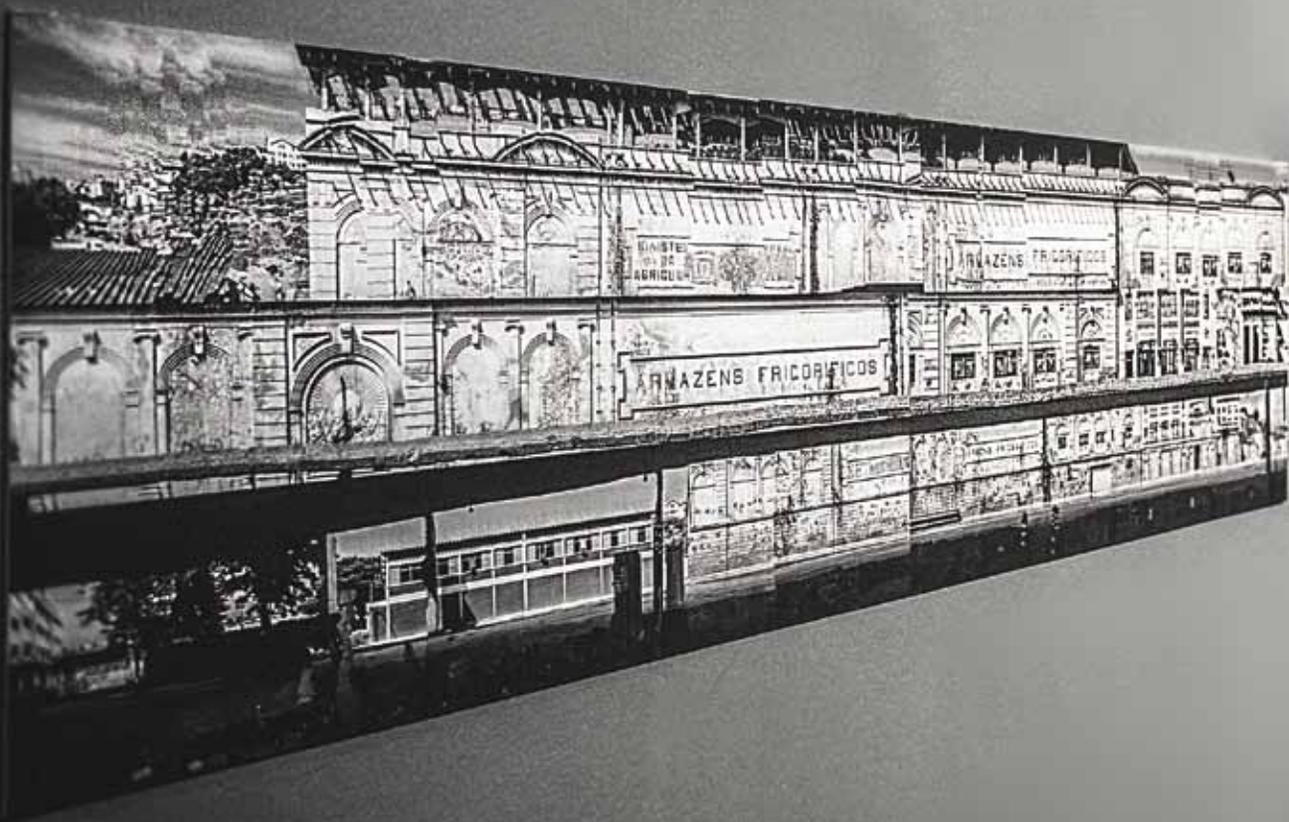




Pranteamento

Um lamento lúgubre ecoa das antigas matas de castanhais do Médio Amazonas, Óbidos. O antigo quartel recebe o esquife. Vem nos braços de Klinger Carvalho o elemento escultórico em madeira que será pranteado naquela noite pela sua própria mãe, dona Edithe. Negra barbadeana de tantas lágrimas e poesias. Assim recorda a bela senhora a chegada dos mortos: vinham em “embaixadas” (canoas) conduzidas somente por homens treinados, para darem, através de remadas cadenciadas, sinal que estavam conduzindo um finado que merecia uma derradeira reverência. As remadas eram intercaladas com um baque do remo na beirada da canoa, o que era ouvido muito longe e as pessoas, em respeito, diziam: “Deus chamou uma pessoa pra ir com Ele pro céu”; e abriam suas portas e janelas, fosse dia ou de noite.



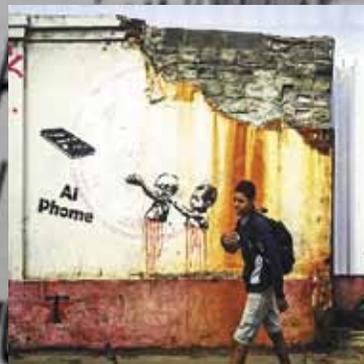
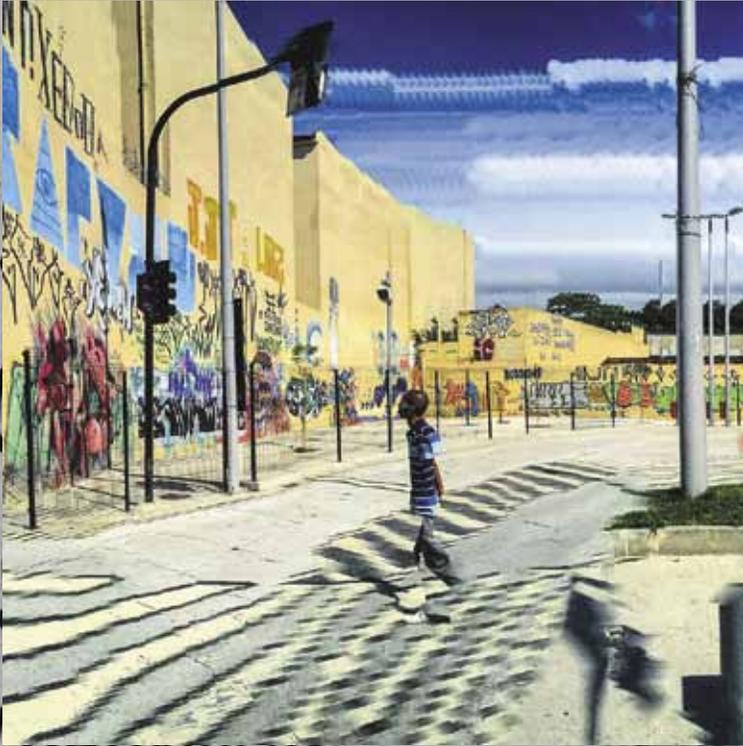


LUIZ BALTAR





Frente ao cinema, como imagem em movimento, a fotografia apresenta-se como a captura do momento. Mas nas fotografias de Luiz Baltar o que encontramos é um trajeto, uma jornada, fragmentos de vidas em movimento. Figuras em trânsito, capturadas por uma câmara também em trânsito, refletindo a dinâmica de cidades onde o movimento é uma experiência tanto necessária quanto difícil, e às vezes dolorosa. Os contornos dos corpos se desfazem, os indivíduos se integram à paisagem urbana e os contrastes aparecem, retratando uma cidade que também está em contínuo movimento.





LUIZ BRAGA



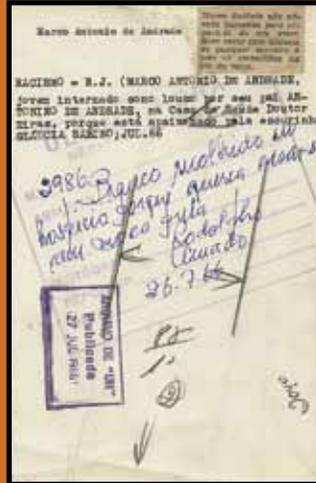
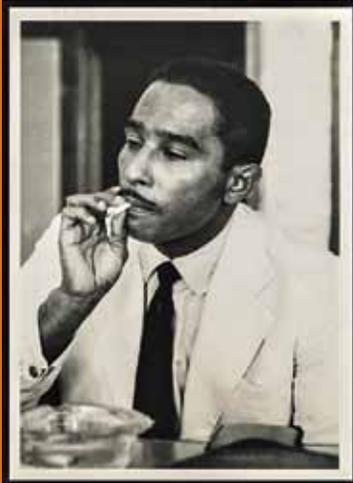
Belém, antes da represa de Tucuruí e as luzes bruxuleantes. As histórias todas do imaginário de uma cidade, ainda interiorana em suas raízes, conspirando contra os seus desejos de modernidade; anos 70. Antes e depois dos grandes projetos. Oscilação das lâmpadas incandescentes alimentadas pelos geradores movidos a diesel. Raras informações sobre fotografia, ricas imagens mentais. O pai, o consultório do pai, o longo corredor e a luz recortante vinda dos inúmeros janelões laterais da casa – que jamais eram fechados a tempo da chuva não lavar o piso de acapu e pau-amarelo. A luz, sempre a luz. Curso à Distância de Fotografia, do Instituto Universal Brasileiro. “Seja um fotógrafo de sucesso”, eis o lema. Eis o vaticínio. O primeiro laboratório no porão: cobertores cinzentos e quentes para Belém. A lâmpada vermelha, a lâmpada azul. A bela pele negra do marceneiro com maço de cigarros no bolso, tantas vezes retratado em tantos belos rostos negros. As imagens mentais. A luz, sempre a luz. As imagens mentais.

Tributo à última lâmpada | 2015
Instalação | Vídeo





RAFAEL RG





Edoardo Gatti



Edoardo Gatti







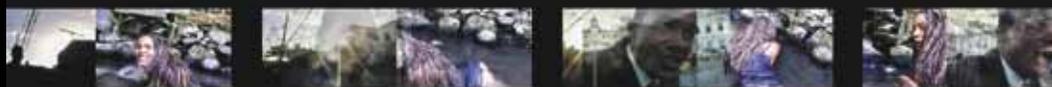
Sergio e Simone

Vidas próximas de nós, mas também vidas que não conseguimos reconhecer. O trabalho de Virginia de Medeiros resulta de um engajamento intenso, íntimo, com pessoas que muitos de nós nem enxergam – figuras marginais, se aceitamos categorias dominantes, mas suas vidas são mais semelhantes às nossas do que queremos acreditar. Talvez, em alguns aspectos, vidas mais livres – vidas que os vídeos de Medeiros mostram – que agem com uma generosidade que faz do mundo um lugar maior, mais complexo, melhor.

VIRGÍNIA DE MEDEIROS



Sérgio e Simone
Videoinstalação



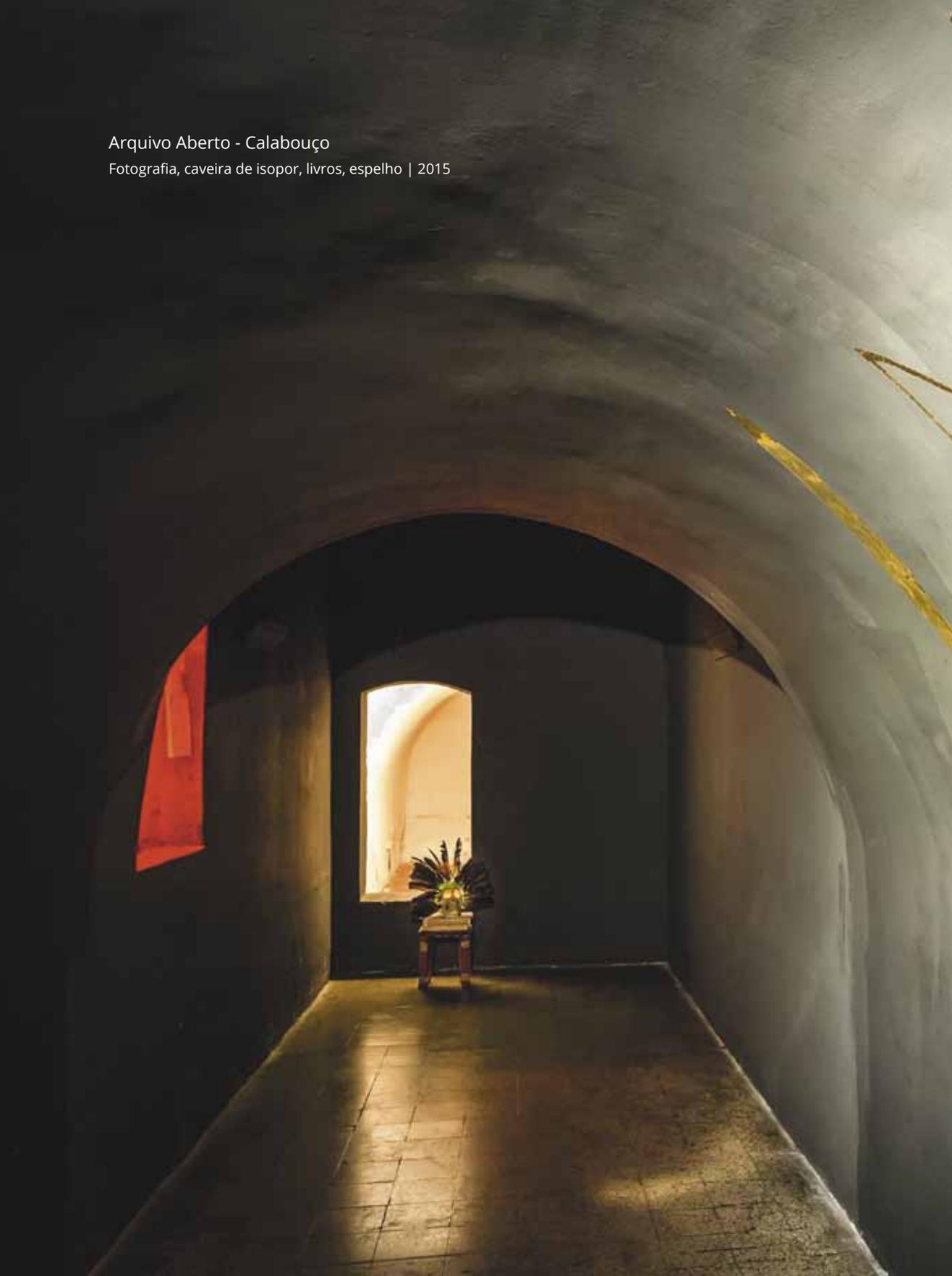
Nomes que mudam, tempo de mudança.
Homem-vestido-de-mulher-não-pode.
Coisas que não mudam. Mulheres-vestidas-
de-mulher-não-pode. Tempo triste de não
mudança. Corpos múltiplos nos seus
desejos de mudança. Nomes que mudam
e emudecem a compreensão. O raciocínio
carnal da festa. Corpos que dançam a festa
da mudança. Saia-saiote-corte-e-liberdade.
Saia-saiote e festa, e festa. Corte. Noites de
Belém, unhas pintadas e musas do Theatro
da Paz. Paz. Corte. Lembrança. Turbilhão
de motivos para o corte. Saia-saiote-corte-
e-liberdade. Juventude, felicidade por estar
vivo, são. A arte é a garantia de sanidade.
Celebração. Possantes, empodeirados de si
e do mundo. O trágico e agônico amanhecer
jamais ocultará a beleza da noite.

qUALQUER qUOLETIVO



Arquivo Aberto - Calabouço

Fotografia, caveira de isopor, livros, espelho | 2015







Arquivos não renováveis pela natureza - Fonte
Colorau e moedas de cruzeiros e cruzados | 2015





CULTURA X NATUREZA = BARBARIE

O animal é alheio por excelência, o outro
incompreensível. A equação não se resolve.
"Cultura x Natureza = BARBARIE". Ao final,
dois elementos incompatíveis provocam
a destruição. O artista parece colocar diante
de nossos olhos o negativo do sonho, o mundo
representar sua confiança na pos-
sibilidade de um mundo melhor para
a natureza.



Explosões subatômicas. Uma Secretária de Estado é convencida a abandonar seu gabinete e despachar nas dunas de sua cidade, Natal. Areia movediça. O pálido herói Jim das Selvas sendo ridiculamente engolido de “mentirinha” pelo cenário tosco dos enlatados norte-americanos. Lutar com animais empalhados-vivos: Bu-ro-cra-cia! Diga conosco: Bu-ro-cra-cia! Repita novamente: Bu-ro-cra-cia! Novamente: Bu-ro-cra-cia! E, novamante... E, novamante...¹ A mesma inoperância e enfado, recrudescidos pelos Anos de Chumbo de um triste Brasil, atravessam incólumes até os nossos dias, nos diz lucidamente hoje Wagner Barja. Sim, vivemos sob o domínio da tecnocracia. Eles venceram. Resultados, eficiência. Sim, eficiência. É a palavra-chave de um jogo de cartas-marcadas. Tragédia escancarada do pós-colonialismo. Quem dará as cartas? Quem aceitará o jogo sem questioná-lo? Quem dirá o não necessário ao sim? Dentro e fora do poder. Fora e dentro. Dentro, dentro.

Explosões atômicas. O desconforto, a sensibilidade esmagada. O desvario também necessário. Como não capitular diante da crueldade dos fatos? Para que serve a autenticação “cartorária” de uma assinatura? Papéis envelhecidos à força de mandíbulas, e excrementos de grilos envelheceram papéis e autenticaram assinaturas. De que servem papéis em branco empunhados como escrituras públicas? Qual o poder e o alcance do ato poético que se confunde com o ato desesperado pela vida, pelo pedaço de terra sonhado e de direito? Como a arte-poesia se imiscui no lamento e na verdade da dor? Eis a Vitória do Gallo. Suas tramas de um mar movediço e de cartas marcadas.

Explosões extratômicas. Um banquete. Tumulto. Um palácio redivivo – em pleno século XXI –, do afrancesamento do látex perdido. Eles não usam black-tie, nós não usamos. A classe operária já foi ao paraíso, os boias-frias ainda sonham com Dagmar e batata-frita. A ópera alucinada de Glauber toma conta da atmosfera. Fitzcarraldo enlouqueceu nas selvas, desistam. O triste-poeta-errubescido da *manga-boceta*, sua amiga de infância e de todos nós paraenses, que a hipocrisia de salão teima em chamar de *manga-espada*, é declamado em alto e bom som. Ecos da *Origem do Mundo*, de Coubert. Fenda primeira, aqui Mater-Gaia-Dolorosa. O brado de Suely, quilombola forte do Acará, em favor do açáí, nunca escasso, mas escasseado. Margalho, Emanuel Franco, seu Milton Meira, ele, Barja, a comilança e Mondrian e do homem prateado: estátuas-vivas. O caruru, o vatapá, a manga-boceta: nada e tudo servido no melhor aparelho de jantar que possuirá o palácio Lauro Sodré.

Autoexplosões e arapucas. Cultura e natureza, verso e reverso: *AKD mico e/ou POLE mico*, quem somos e estamos no mundo? Diga-nos...

¹ É o que nos faz lembrar Ana Bella Geiger, em obra marcante dos anos 70.

Despacho na Duna
Vídeo-registro da intervenção





Arapucas Semânticas
Experimento com registros em vídeo de intervenções





ANNA MARIA MAIOLINO

Y, 1974



Ad Hoc: (A propósito), 1982/2000





Verso/Inversus: (Direito/Avesso), 1979/2005



X, 1974





In-Out (Antropofagia), 1973

**ESPAÇO CULTURAL
CASA DAS ONZE JANELAS**



Viver de Morte, Morrer de Vida
Fotografia

ELZA LIMA





Macunaima
Exposição "100-10" – Fotografia | 2015



Vídeo Elza Lima
Narração Anna Victória Santos Oliveira





O Lago da Lua ou Yaci Uaruá as Amazonas do Rio Mar
XI Prêmio Marc Ferrez de Fotografia



Meu Mundo Jegue

Em suas últimas pesquisas, o artista Cristiano Lenhardt usa da realidade bruta, incômoda, para fazer de personagens esquecidos, mestiços, seres mitológicos, moradia e refúgio. Desdobramento de alguns trabalhos recentes, esse vídeo compõe o processo de pesquisa que atravessa diferentes camadas de enfrentamentos ficcionais, exercícios para uma política libertária e de reconstruções utópicas. Como pontua o artista: as revoadas políticas são tomadas como coreografias graciosas.

CRISTIANO LENHARDT



you're so handsome!



MASTURBAR

Um bar é um lugar de socialização, um lugar onde podemos fortalecer as relações que já temos ou criar novas. O Masturbar é, portanto, um bar peculiar, porque nele as relações são, em princípio, consigo mesmo: relações com o próprio corpo, e com a imagem que temos dele, construída por nós ou, comumente, por outros. Um espaço onde podemos desfazer e reconstruir essas relações – seja como mulheres, homens ou qualquer combinação de ambos os gêneros, independentemente do que outros imaginem que somos, mais livres.

FABIANA FALEIROS

Mastur Bar Wireless Fidelity
Fotografia

Coleção Mãozinha
Escultura | 2015

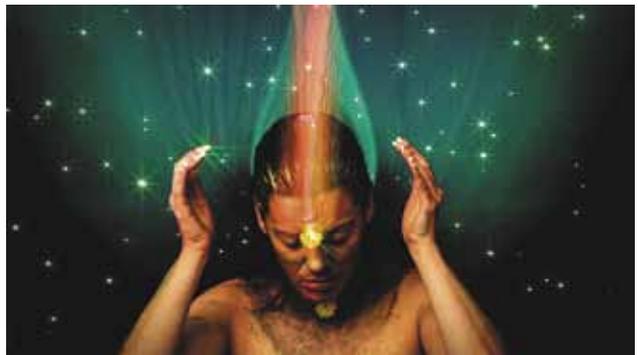


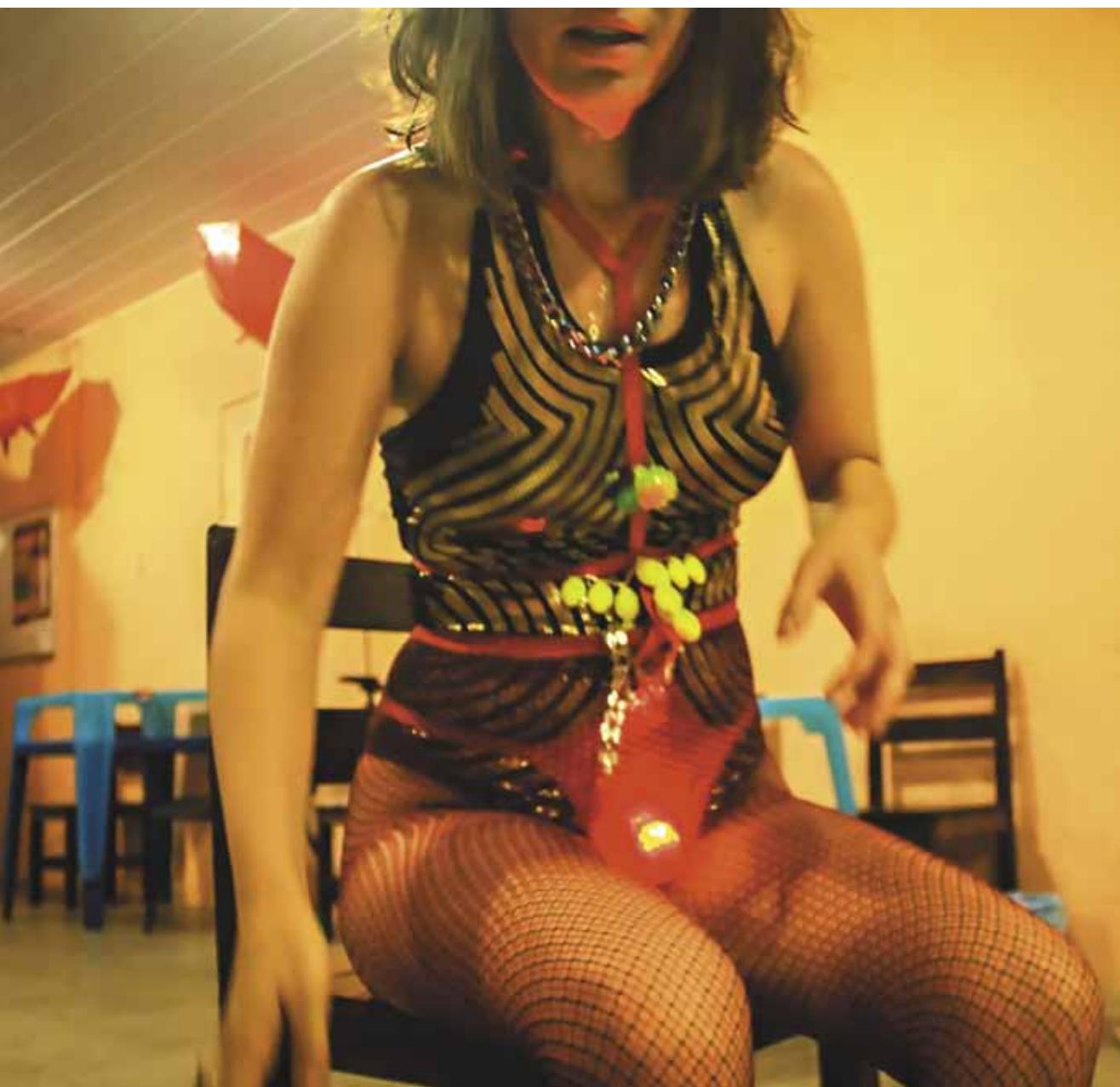
· SERVICIO ·

· SOCIAL ·



Masturbar
Videoclip





Masturbar no GEMPAC
Grupo de Mulheres Prostitutas do Estado do Pará

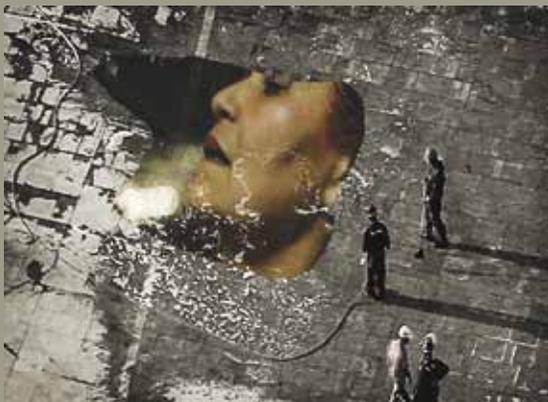


Fotos: Edne Maués

Cais do Corpo
Videoinstalação | 2015

VIRGÍNIA DE MEDEIROS





A obra levanta questões sobre prostituição e revitalização da Praça Mauá, na zona portuária do Rio de Janeiro. A Praça Mauá é um lugar de forte conteúdo simbólico, que permeia situações cotidianas e reprograma a sua lógica. A Praça Mauá é um marco aonde chegaram ao Brasil milhares de escravos e imigrantes durante um longo período. No século 19, foi um espaço importante no setor de importação e exportação. No entanto, no seio das estruturas tecnocráticas do Império, ressurgiu como novo espaço da economia voltada à exploração do corpo, e à sua própria satisfação: o sexo. A partir da implantação do Porto em 1934, e do intenso fluxo de embarque e desembarque, a Praça Mauá transformou-se em uma tradicional zona de prostituição, com o aumento da clientela dos bares e casas noturnas, onde os marinheiros, turistas, contrabandistas e prostitutas ditavam o clima boêmio da época. No século 20, a Praça Mauá passou a ser frequentada pelas elites, na era dos grandes transatlânticos, quando foi construído o terminal do *Touring Club* do Brasil. No final da década de 1930, voltou ao centro das atenções, com a inauguração edifício *A Noite*, de 22 andares, altíssimo para a época, e um marco da engenharia civil no país. Nos anos 1960, a prostituição viveu o seu período mais próspero, estimulada pelo aumento do fluxo de marinheiros e turistas que chegavam ao Rio de Janeiro. Desde então, sucederam-se períodos de glamour e decadência na zona portuária. Hoje, o cenário se transforma novamente com as obras do projeto Porto Maravilha, onde apenas uma boate sobreviveu à revitalização da área: a Boate Flórida. Durante um mês, frequentei a Boate Florida e os arredores da Praça. Esta vivência deu origem ao trabalho “Cais do Corpo”.

Virgínia de Medeiros



QUALQUER qUOLETIVO





Por uma cartografia crítica da Amazônia

Artografia Amazônia

recorte/processo sobre arte, política e tecnologias possíveis

tecnologias possíveis



MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI

CARLOS MÉLO





Emissão

Em incursão pela Amazônia em 1978, o crítico francês *Pierre Restany* escreve um texto fundamental para reflexão sobre a arte contemporânea brasileira: o *Manifesto do Rio Negro*, no qual define e estrutura o conceito de *Naturalismo Integral*, ao contrapor realismo e poder. O artista Carlos Mélo se apropria dessa narrativa e a subverte, num trocadilho subjetivo e desestabilizador, durante a leitura do texto ao microfone, emitindo sua fala através de uma voz feminina. Estratégia também utilizada na série de anagramas em néon, onde eixos sintagmáticos revelam uma nova potência semântica para Corpo/Barroco e Agreste/Resgate.

O Arte Pará no Museu Goeldi traz, desta vez, três artistas contemporâneos com temáticas distintas, que nos dão o que pensar. Uma coisa leva a outra, e as obras são ligadas uma à outra pela natureza e pela mente humana.

Yuri Firmeza afirma que a ruína não é um estado estático e permanente, mas “um bloco heterogêneo e provisório de tempos não lineares”. Para ele, existem vários níveis de declínio, como camadas que se sobrepõem. No vídeo “Vida de minha vida”, ele filmou a avó acometida do mal de Alzheimer ao longo de uma década. No caso, é a ruína da memória que se expressa como uma membrana entre a lembrança e o esquecimento: há uma parte das recordações que não desaparecem, em conflito com uma força avassaladora que tenta apagá-las.

Mas a mente pode ser arejada e a percepção “higienizada” pelo retorno à natureza, dizia o artista francês Pierre Restany há quase quarenta anos, em seu “Manifesto do Rio Negro”. A floresta amazônica o inspirou a propor um “naturalismo integral” para a arte contemporânea. Através desse naturalismo – e por “integral” ele sugeria vários significados, de “essencial” ou “indissociável” a “completo” ou “total”, ou mesmo “integrador” de seus componentes e do mundo em volta – ele pregava a “desmaterialização do objeto de arte”. Quando Carlos Mélo lê o Manifesto, o faz desmaterializando-se através do timbre feminino que lhe sai da boca (a voz é da atriz Renata Sorrah), tal como uma entidade cabocla “baixando” num “cavalo” diante do pajé.

Natureza, retrabalhamento e possessão de identidades reaparecem nas fotografias de Romy Pocztaruk, que estão perfeitamente “em casa” no Museu Goeldi, ao transformar em arte o mundo natural e a atividade do cientista que com ele trabalha. E a surreal imagem dos “jatões” de um parque de diversões na empoeirada e atormentada Transamazônica – tão fora de lugar quanto a figura do tigre em plena Amazônia – fala com perfeita eloquência das ilusões perdidas que resultaram do desvario ufanista dos Anos Trágicos.

Horácio Higuchi

Museu Paraense Emílio Goeldi







Imagens que nos fazem pensar em imagens. Que nos levam a pensar em como as imagens são provas, evidências, garantias de conhecimento. Imagens de imagens, obtidas de arquivos e instituições que certificam a sua relevância, o merecimento do nosso olhar, do nosso estudo. E quando percebemos que as imagens e o que elas mostram, não são o que parecem ser – anomalias, monstros, construções, ficções, histórias acumuladas intencionalmente ou por acaso, formando um arquivo onde as certezas com as quais iniciamos já não são plausíveis.

Aparatos Naturais | 2013

The Hunter I | 2012
Fotografia



A Última Aventura, Jatões
Fotografia | 2011





Nada É e Vida da Minha Vida

Em suas últimas pesquisas, o artista Yuri Firmeza discute a ideia de ruína, seja pelas camadas arqueológicas de “Nada é” (2014) ou pelo apagamento da memória em “Vida da minha vida” (2014). Se, por um lado, o artista escolhe Alcântara (MA) para materializar alguns embates através do conjunto de ruínas arquitetônicas e da tradicional Festa do Divino Espírito Santo, por outro, ele trabalha em um plano individual no processo do Alzheimer, do qual sua avó é portadora. Expõe as camadas temporais e, com essas, o emaranhamento entre memória e esquecimento. O corpo de sua avó em uma dimensão visceral. A aparente fragilidade do seu corpo boiando na piscina, marcado por rugas acentuadas que não são meras expressões de um passado a ser resgatado como lembrança do que já não é mais. Assim, em seus vídeos, o artista entende e trabalha a ruína não como algo que está estagnado, cristalizado e imutável. A ruína.

YURI FIRMEZA









AÇÕES EDUCATIVAS

O Arte Pará chega a sua 34ª Edição celebrando uma trajetória de ações educacionais, que vêm sendo desenvolvidas desde a primeira edição, em 1982, em consonância com o seu principal objetivo: ser um propositor de reflexões e aproximações do público com a arte. Temos a prerrogativa de contar com um projeto permanente, cuja atuação vem ampliando o campo de comunicação das pessoas com as obras de arte, propondo ações dialógicas entre os colaboradores, a equipe de mediação e o público.

Esta conquista é relevante e deve ser compartilhada, prioritariamente, com todos os educadores que atuaram no Arte Pará e realizaram ações que tiveram grande impacto na construção dessa trajetória. É, portanto, uma comprovação do compromisso social da Fundação Romulo Maiorana. Acreditamos que através do acesso à arte e a partir das ações educativas o público poderá exercer plenamente a sua cidadania e atribuir



sentidos aos processos socioculturais da sua coletividade e do mundo.

Nossa plataforma de ação na formação do grupo de mediadores ampliou o seu universo, pois nos apresentou e nos aproximou de artistas e autores que dialogam com os princípios nos quais acreditamos.

Luana Machado fortaleceu a curadoria adjunta do educativo nas proposições sobre ética na mediação e sistematização das ações nos museus.

Márcia Helena Pontes foi importante na apresentação dos espaços expositivos



Arte Pará e Sistema Integrado de Museus.

Val Sampaio contribuiu na mediação Cultural em Arte Contemporânea.

Mariana Marques Kellerman nos apresentou a *Ludicidade*: jogo, brinquedo e brincadeiras na dança. Marisa Mokarzel fortaleceu os processos curatoriais e artistas. Armando Sobral nos aproximou da Arte Contemporânea em espaços museológicos: inter-relações e negociações. Paula Sampaio desenvolveu a oficina *Vivência Fotográfica e Imaginação*; e Elen Gruber, artista visual de São Paulo, discorreu sobre a sua poética artística.





Podemos ouvir as vozes diversificadas transmitidas pelas obras e ver as imagens projetadas pelas palavras.

Esse trabalho é desenvolvido por pessoas obstinadas em criar aproximações e sinergias, que prestam sua colaboração permanente ao projeto, constituindo uma equipe que agrega competências em busca de inovações. São pessoas que certamente deixam marcas significativas através das suas ações transformadoras.

**Vânia Leal Machado
e Luana Machado**
Curadoria Educativa



Alaci Correa: além do marketing

Alaci Correa, natural de Igarapé-Miri, no nordeste do Pará, e fundador da rede de Supermercados Nazaré, foi um dos grandes apoiadores do Arte Pará. Este ano a parceria de patrocínio completa 18 anos. De acordo com Mauro Correa, que hoje administra o grupo, o pai sempre viu no salão mais que um evento e uma relação meramente comercial: a ele importava, além da realização de um projeto artístico, a pauta educacional. São promovidas visitas guiadas com alunos de escolas públicas de bairros distantes do centro de Belém, muitos nunca visitaram um museu. Estudantes de ensino superior também participam da programação voltada à capacitação, a fim de se tornarem mediadores culturais.

“Ele foi um defensor árduo desse projeto, sempre pensando no que vai agregar à educação e também ao estado no turismo cultural. Ele pensou além do marketing, da parte institucional, como uma forma do grupo Nazaré apoiar um evento de grande magnitude, capaz de possibilitar a transformação do público, dos estudantes e do turismo no Pará. É um projeto que ele encampou desde o início. Nossa empresa chega à terceira geração de gestores, e vamos continuar apoiando”, destaca Mauro.

O empresário faleceu no início deste ano, em São Paulo, mas deixou para os seus familiares que administram a rede de supermercados a vontade de apoiar o Arte Pará. Mauro Correa destaca que a visitação do público em geral e o contato com obras de arte é importante, na medida em que promove o aprimoramento de sensibilidades e saberes.

“O jovem precisa do ensino tradicional e também dessas oportunidades. Continuamos achando que é uma colaboração importantíssima de um evento cultural desse para a educação. Além disso, a junção da nossa marca com uma marca tão importante como é a da Fundação Romulo Maiorana e o nome do Romulo Maiorana, que foi um empresário e homem que marcou a história do nosso estado, é fundamental. Para nós é importante essa união e parceria de marcas. Nos fortalece e nos torna conhecidos no Brasil todo. Em várias viagens que faço pelo Brasil, pessoas comentam sobre o Arte Pará, porque é feito no período do Círio, então o evento marca o calendário da região”, completa o empresário.

Durante a sua trajetória, Alaci Correa recebeu, como empreendedor paraense, diversos prêmios de reconhecimento e homenagens, dentre eles o Título de Honra ao Mérito, com a Medalha do Grão Pará (1983), oferecida pelo Governo do Estado; título de Homem do Marketing, concedido pela Associação dos Dirigentes de Vendas e Marketing do Brasil (ADVB), em 1999; título de Honra ao Mérito (2002) e Brasão d’Armas de Belém (2008), oferecidos pela Câmara Municipal de Belém (CMB); Título de Honra ao Mérito pela Assembleia Legislativa do Pará (Alepa), em 2005; e Medalha Francisco Caldeira Castelo Branco, entregue pela Prefeitura de Belém.

ARTE PARÁ 2015

ARTISTAS

ANNA MARIA MAIOLINO

São Paulo-SP
Artista Convidada
studio.ammaiolino@gmail.com

In-Out (Antropofagia), 1973
Super 8 transcrito em vídeo em 2000
Roteiro/Direção/Montagem: Anna Maria Maiolino
Música: Laura Clayton
Fotografia: Sigmund Zehr (18 imagens por segundo, colorido)
Participação especial: João Eduardo Osório
Duração: 8'27"

X, 1974
Super 8 transcrito em vídeo em 2000
Roteiro/Direção/Montagem: Anna Maria Maiolino
Música: Vânia Dantas Leite
Fotografia: Max Nauenberg (18 imagens por segundo, colorido)
Duração: 3'12"

Y, 1974
Super 8 transcrito em vídeo em 2000
Roteiro/Direção/Montagem: Anna Maria Maiolino
Música: Vânia Dantas Leite
Fotografia: Max Nauenberg (18 imagens por segundo, preto e branco)
Duração: 2'23"

Verso/Inversus: (Direito/Avesso), 1979/2005
Super 8 sonorizado e transcrito em vídeo em 2005
Roteiro/Direção/Montagem: Anna Maria Maiolino
Música: Elaine Thomazi Freitas
Fotografia: Anna Maria Maiolino (18 imagens por segundo, colorido)
Duração: 2'57"

Ad Hoc: (A propósito), 1982/2000
Sonorizado e transcrito em vídeo em 2000
Música: Paulo Humberto Moreita
Roteiro/Direção: Anna Maria Maiolino
Fotografia: Regina Vater
Participação Especial: Paulo Bruscky
Duração: 3'41"

+ - - (mais menos: igual a menos), 1976
Super 8 transcrito em vídeo em 2000
Roteiro/Direção/Montagem: Anna Maria Maiolino
Fotografia: Maria do Carmo Secco (18 imagens por segundo, preto e branco)
Participação Especial: Paulo Herkenhoff e Bruno Tauz
Duração: 3'36"

AYRSON HERÁCLITO

Salvador-BA
ayrsonheraclito@gmail.com

O Sacudimento da Casa da Torre:
Díptico I | 2015 - Fotografia

O Sacudimento da Maison des Esclaves em Gorée:
Díptico I | 2015 - Fotografia

O Sacudimento da Casa da Torre | O Sacudimento da Maison des Esclaves em Gorée - Videoinstalação

BÁRBARA WAGNER E BENJAMIN DE BURCA

Recife-PE
barbara.wagner@hotmail.com
babebau@gmail.com

Bárbara Wagner + Benjamin de Burca, *Faz que Vai* (Ryan, still) 2015. 2K, colour, sound, 12 min.
© Pedro Sotero

Bárbara Wagner + Benjamin de Burca, *Faz que Vai* (Edson, still) 2015. 2K, colour, sound, 12 min.
© Pedro Sotero

Bárbara Wagner + Benjamin de Burca, *Faz que Vai* (Bhrunno, still) 2015. 2K, colour, sound, 12 min.
© Pedro

Sotero Bárbara Wagner + Benjamin de Burca, *Faz que Vai* (Tchanna, still) 2015. 2K, colour, sound, 12 min.
© Pedro Sotero

Dançarinos: Ryan Neves, Bhrunno Henryque, Eduarda Lemos, Edson Vogue

Diretor de fotografia: Pedro Sotero

Assistente de Câmera: Raphael Malta Clasen

Eletricistas: Alexandre Aranha, Fernando

Assistente de Produção: Bia Lima

Maquiagem: Rodrigo Cavalcanti, Eva Venenosa

Montagem: Edu Serrano

Correção de Cor: Pablo Nóbrega

Som: Cícero Batom, Wellington Jamaica, Waltinho D'souza - Orquestra Popular da Bomba do Hemetério.

Gravação e Mixagem: Jeferson Japa.

Filmado nas ruas do Recife, Pernambuco, Brasil, em Março de 2015 / Shot on locations in Recife, Pernambuco, Brazil in March 2015.

Fotografia
Videoinstalação

CARLOS MÉLO

Recife-PE
carlosmeoart@hotmail.com

Emissão | 2015
Vídeo

CRISTIANO LENHARDT

Recife-PE
cristianolenhardt@gmail.com

Meu Mundo Jegue | 2014
Vídeo

DANIEL LIE

São Paulo-SP
liedaniel.art@gmail.com

Podre Show | 2015
Instalação e performance

ELZA LIMA

Belém-PA
elzamlima@gmail.com

Viver de Morte Morrer de Vida | 2015
Fotografia

O Lago da Lua ou Yaci Uaruá as Amazonas
do Rio Mar
XI Prêmio Marc Ferrez de Fotografia

Nosferatu
(homenagem a Friedrich Wilhelm Murnau)

Homenagem a meu bisavô Ignácio Moura

Vídeo Elza Lima
Narração: Anna Victória Santos Oliveira
Som: Leo Bitar
Montagem: Nando Lima

Exposição "100-10"
Curadoria: Guy Veloso
Título: Macunaima

FABIANA FALEIROS

São Paulo-SP
donafaleiros@gmail.com

MasturBar
Wireless Fidelity
Coleção Mãozinha | 2015
Escultura
Fotografia

Mastur Bar
Videoclip

Masturbar no GEMPAC
Grupo de Mulheres Prostitutas do Estado
do Pará

FRANCISCO KLINGER CARVALHO

Belém-PA
info@franciscoklingercarvalho.com

Ação performática: Edithe Carvalho Vieira
Oratório para uma árvore morta | 2015
Escultura | Performance
Vídeo: Marcelo Rodrigues Silva

LUIZ BALTAR

Rio de Janeiro-RJ
lbaltar@me.com

Fluxos instantâneos | 2015
Fotografia

LUIZ BRAGA

Belém-PA
bragafoto@gmail.com

Tributo à Última Lâmpada | 2015
Instalação | Vídeo

QUALQUER QUOLETIVO

Belém-PA

Centopeia – Ocupação Neo Cabana
MEP

Preferimos Mil Vezes a Morte
Técnica: Renda, arame farpado, seixo,
purpurina, cano pvc, jornal,

Arquivo Aberto – Calabouço
Técnica: Fotografia, caveira de isopor,
livros, espelho

Arquivos Não Renováveis Pela Natureza -
Fonte
Técnica: Colorau e moedas de cruzeiros e
cruzados

Flexas no Malhado
Técnica: Adesivo vinílico

ESPAÇO CULTURAL CASA DAS ONZE
JANELAS

Dossiê Insurgência Neo Cabana
Técnica: Cartazes, vídeos, objetos

RAFAEL RG

São Paulo-SP
rafa.tempo@gmail.com

Dito Escuro | 2015
Instalação

ROMY POCZTARUK

Porto Alegre-RS
romypocz@gmail.com

Aparatos Naturais | 2013
The Hunter I | 2012

A Última Aventura | 2011

Fotografia | Impressão em jato de tinta sobre
papel algodão

VIRGÍNIA DE MEDEIROS

São Paulo-SP
virginiademedeiros73@gmail.com

MEP

Sérgio e Simone
Videoinstalação

ESPAÇO CULTURAL CASA DAS
ONZE JANELAS
Cais do Corpo | 2015
Videoinstalação

WAGNER BARJA

Brasília-DF
wbarja@terra.com.br

A Vitória do Gallo
Videoinstalação

Despacho na Duna
Vídeo-registro da intervenção

Arapucas Semânticas
Experimento com registros em vídeo de
intervensões

Vídeo “Coletivo Provisório Manga Boceta”

YURI FIRMEZA

Fortaleza-CE
yurifirmeza@hotmail.com

Nada É | 2014
Vídeo

Vida da Minha Vida | 2011
Vídeo

ANNA MARIA MAIOLINO

Nasceu em Scalea, na Itália, atualmente vive e trabalha em São Paulo. Chegou ao Brasil em 1960 e adotou o país como sua terra natal, casou-se e teve dois filhos com o artista Rubens Gerchman, e obteve a cidadania brasileira em 1868. Sua arte revela-se no Brasil, assumindo a identidade de uma arte totalmente brasileira. Iniciou sua formação no Rio de Janeiro, em cursos livres de pintura, xilogravura e gravura em madeira na Escola Nacional de Belas Artes; participou ativamente do movimento Nova Figuração, um grupo de resistência e oposição política nos anos 1960. Em 1967, integrou a coletiva Nova Objetividade Brasileira (MAM/RJ) e realizou a primeira mostra individual no Rio de Janeiro. Desde os anos 1970, sua obra vem incorporando elementos como poesia, performance, fotografia, vídeo e recursos sonoros.

É uma artista reconhecida no circuito nacional e no exterior, com obras em museus e coleções particulares, tais como o Museu Nacional de Belas Artes (RJ); MAC-USP (SP); MAC-Niterói; MAM/RJ; Museu de Arte do Rio (RJ). A partir 1992, após a mostra America - Bride of the Sun. 500 years Latin America and the Low Countries, tem trabalhos nos museus Reina Sofia (Madri); MoMA (Nova York); Castello di Rivoli (Torino), Galleria Nazionale (Roma), Blanton Museum (Texas) e participa de coletivas na Europa e Estados Unidos. Em 2012, integrou a Documenta 13 (Alemanha), realizou a mostra individual É O Que É (São Paulo). Entre outros, recebeu o Prêmio Mário Pedrosa e o Prêmio MASP Mercedes-Benz, pelo conjunto da obra (2012).

AYRSON HERÁCLITO

Baiano de Macaúbas, atualmente vive e trabalha em Cachoeira e Salvador. Artista visual, curador, doutorando em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e professor do curso de Artes Visuais do Centro de Artes Humanidades e Letras da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Suas obras englobam instalação, performance, fotografia e audiovisual, com ênfase nos elementos da cultura afrobrasileira e suas conexões entre a África e sua diáspora na América. Participa de mostras, festivais e bienais internacionais. Coletivas recentes: Afro-Brazilian Contemporary Art, Europalia (Brasil, Bruxelas, Bélgica, 2012); Trienal de Luanda (Angola, 2010); Manifestação Internacional de Performance-MIP 2 (Belo Horizonte, 2009). Em 2015, foi homenageado na Bienal de Fotografia de Bamako (Mali).

Realizou mostras individuais na Bahia e figura entre os artistas brasileiros convidados para participar do projeto "Oito Performances" (São Paulo, 2015). Entre outras premiações, foi indicado ao prêmio Novo Banco Photo 2015, no Museu Coleção Berardo (Lisboa, 2015) e ao prêmio PIPA nas edições de 2012, 2015 e 2016.

BÁRBARA WAGNER (Brasília, Brasil)
BENJAMIN DE BURCA (Munique, Alemanha)

Os artistas utilizam narrativas documentais (vídeo-ensaios, fotografias e entrevistas) em suas reflexões acerca da relação entre 'tradição' e 'progresso' em economias emergentes. Seus trabalhos enfatizam as práticas coletivas e rituais tradicionais – nos corpos de jovens de periferia do Nordeste brasileiro – que perdem a conotação simbólica de resistência política, tornando-se um produto da indústria de turismo e entretenimento, ao passo que a cultura pop vem se cristalizando como folclore. Nesta obra, correlacionam o fenômeno do brega ao candomblé, ao caboclinho e ao capitalismo; e o valor cultural do Frevo (dança), em contraponto à realidade econômica e social na região. Desde 2011, Wagner e De Burca produzem obras em coautoria. Em 2015, filmaram o seu primeiro curta-metragem sobre tradição, cultura pop e formas simbólicas de consumo e dominação no Nordeste do Brasil. Estre as mostras individuais, destacam-se: *Cinéma Casino* (São Paulo, 2014); *Edifício Recife* (Recife, 2014); *Faz que Vai* (Alemanha; Recife, Brasil 2015).

Eventos e coletivas: 4ª Bienal de Arte Contemporânea do Oceano Índico; 36ª Bienal da Irlanda; 6º Festival de Arte Contemporânea da Letônia; Transborda (São Paulo, 2015) 5º Prêmio CNI/SESI Marcantonio Vilaça Prize (São Paulo, 2015); Reception of Reception (Berlim, 2014); Utopian City (Letônia, 2014); Berlin Art Prize (Berlim, 2014); Agitationism, 36th EVA International (Irlanda, 2014); Programa de Exposições do Centro Cultural São Paulo e indicação para o Berlin Art Prize (2014). *Cinéma Casino* (França, 2013); 33º Panorama da Arte Brasileira (São Paulo, 2013); *Neither here nor there* (Irlanda; Berlim, 2013).

CARLOS MÉLO

Natural de Riacho das Almas (PE); vive e trabalha em Recife.

Mostras individuais: *Agreste Telúrico* (Sousa/PB, 2015); *Sobre Humano* (Rio de Janeiro, 2012), *Carlos Mélo* (São Paulo, 2011); *Ocorpobarroco* (Natal, 2010); *Entre-Campos* (Lisboa/PT, 2010); *Experiência Sensível* (Recife, 2010); *A Cura* (Rio de Janeiro, 2009).

Coletivas: *Videobrasil* (São Paulo, 2015); *Arte Pará* (Belém, 2015); *Blind Fiel* (Urbana/USA, 2013); *Espelho Refletido* (Rio de Janeiro, 2012); *Metrô de Superfície* (São Paulo, 2012); *Extranatureza* (Porto Alegre; Curitiba, 2011); *The 2nd Annual TESOL International Film Exhibit Features* (New York, 2011); *Landscape Bodies* (Suécia, 2011); *Extranatureza* (São Paulo, 2011); *Pieces end Parts – Plataforma Revólver* (Lisboa, 2010); *PREC»GRU« Atelier 397* (São Paulo, 2010); *Sujeito: Corpo* (São Paulo, 2010).

Premiações: Prêmio Foco Bradesco ArtRio (2015); *Energisa de Artes Visuais* (João Pessoa, 2011/12); Prêmio Brasil Arte Contemporânea (São Paulo, 2010). Residências Artísticas: *Home end Abroad* (Cintra/PT, 2011); Fundação Joaquim Nabuco/Centro Cultural Banco do Nordeste (Recife, 2011); Prefeitura da Cidade do Recife (2015); Foco ArtRio Bradesco (2015).

CRISTIANO LENHARDT

Natural de Itaara (RS), atualmente vive e trabalha em Recife. Graduado em Artes Plásticas e orientação artística Torreão, Porto Alegre.

Exposições Individuais: *O habitante do Plano para fora* (São Paulo, 2015); *Matéria Superordária Abundante* (Recife, 2014); *Litomorfose* (São Paulo, 2014); *Planalto* (Recife, 2013); *Papel Sensível* (São Paulo, 2011); *Nenhuma luz* (Recife, 2010); *Filmes de Studio - Torreão* (Porto Alegre, 2009).

Prêmios, Residências e Bolsas: Residências Phosphorus (São Paulo, 2013); Residência Gasworks (Londres, 2013); Residência Made in Mirrors (China, 2011); Bolsa Ibero Camargo (2011); Programa de Artistas (Buenos Aires, 2011).

Principais coletivas: *Cruzamentos - Wexner Center for the Arts* (Ohio/USA, 2014); *Rumos Visuais Itaú Cultural* (São Paulo, 2012); *Mythologies – cité Internationale des Arts* (Paris, 2011); *Intimate Bureaucracies: Art and the Mail* (Inglaterra, 2011); *Mostra Constructing Views* (New York, 2010).

DANIEL LIE

Artista visual indonésio-pernambucano, graduado em Artes Visuais pela UNESP, atualmente vive e trabalha em São Paulo. Na concepção de instalações e objetos, o artista evoca as memórias familiares e afetivas, e a história das coisas do mundo e da vida. Sua obra aproxima ciência e religião – em um equilíbrio entre crenças/estudos opostos – que podem ser complementares. Expõe as coisas como elas são, com base em conceitos relacionados à arte da performance – como reflexo do tempo, efemeridade e presença

- e utiliza frutas e plantas tropicais frescas no espaço expositivo, que vão crescendo e apodrecendo sob o efeito do tempo.

Principais coletivas: *Prêmio EDP*, Instituto Tomie Ohtake (São Paulo); *Abre Alas 11* (Rio de Janeiro); *34º Arte Pará* (Belém). Mostras individuais: *Meus Sentimentos*; *Lie Liang Khing*; *Pacto com o futuro* - mostras simultâneas do projeto autoral *Trilogia* ((São Paulo).

Participou do programa *Experiência*, do Itaú Cultural. Residências Artísticas: *Fazenda da Serrinha*; *Le 6B* (França) e *9a Redbull Station*.

ELZA LIMA

Fotógrafa desde 1984. Para a artista, a fotografia é uma ferramenta política e social de extrema importância para entender o mundo em que vivemos. Desenvolve projetos na Amazônia desde 1995, e enfatiza a paisagem e o modo de vida das populações tradicionais, como os quilombos da região do rio Trombetas (1996); tribos indígenas dos estados do Pará e Maranhão (1996 e 1999); e várias comunidades do Rio Nhamundá (2003). Atualmente é fotógrafa da Secretaria Executiva de Cultura do Estado do Pará e dedica-se à documentação das manifestações culturais na região conhecida como Baixo Amazonas. Já expôs nos Estados Unidos (Nova York), Espanha, França, Suíça, China, Alemanha, Portugal, México, Finlândia e Chile. Suas obras integram coleções de museus no Brasil e no exterior, tais como: Museu de Arte Moderna, Centro Cultural Banco do Brasil, Biblioteca Nacional (RJ); Museu de Arte de São Paulo, Instituto Cultural Itaú, Fundação Vitae (SP), Fundação Cultural de Curitiba (PR); Fundação Romulo Maiorana, Museu de Arte de Belém, Museu do Estado do Pará (PA); Kunstmuseum Des Kantons Thurgau (Suíça); Centro Português de Fotografia (Porto, Portugal); Armos Anderson Museum (Finlândia); Fundación Telefónica (Chile); Fototeca de Nuevo León (México); Sala de Exposiciones de la Ciudadela (Espanha); Centro de la Fotografía (Tenerife).

Foi contemplada com as bolsas de pesquisa: Kunstmuseum des Kantons Thurgau (Suíça, 1995); e Marc Ferrez (Funarte, 1996); Bolsa Vitae, com "*Viagem ao Cuminá*" (1999) e Bolsa Instituto de Artes do Pará (2013). Participou das publicações *Brasil Bom de Bola* (1997) e *Fronteiras do Brasil* (1999).

FABIANA FALEIROS

Artista visual, cantora e performer, iniciou sua trajetória como cantora em lojas e outros espaços no circuito *underground* de São Paulo. Posteriormente lançou o seu primeiro CD "*Lady Incentivo: novas formas de amar*

e de gravar CD", gravado ao vivo na Mobile Radio BSP, vinculada à 30ª Bienal de São Paulo. Em 2015, iniciou o projeto do bar/exposição itinerante "*Mastur Bar*", na Solo Shows (São Paulo), também apresentado no Festival Kuir Bogotá (Colômbia), no Arte Pará (Belém), estando prevista a mostra "*Portate Bien*", em Havana Cuba, 2016). Participou da Residência Artística RedBull Station (São Paulo, 2013), dentre outras exposições no Brasil e no exterior. Em suas performances, Fabiana interpreta versões de músicas internacionais, misturando hits pop's de divas como Donna Summer e Amy Winehouse com funk e canções autorais. Atualmente cursa doutorado em Artes e atua como colaboradora da Grife Daspu.

FRANCISCO KLINGER CARVALHO

Nasceu em Óbidos (PA), Brasil (1966). Reside na Alemanha e trabalha em Heidelberg e São Paulo (Brasil). É graduado em Educação Artística pela Universidade Federal do Pará, com pós-graduação Meisterschule pela Academia de Arte de Düsseldorf (Alemanha). Foi bolsista do Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (DAAD), do Estado de Hessen (Alemanha) e do Instituto de Arte do Pará (IAP). Foi professor visitante da Universidad Nacional de Bogotá, (Colômbia, 2009-2011). Foi contemplado com os prêmios do Banco Sparkasse Kandel (Alemanha, 2012) e Itamaraty de Arte Contemporânea (2013). Participou de diversas exposições no Brasil e no exterior, entre as quais destacam-se: *El Faro del Tiempo* (Bogotá, 2016); *Arte Pará* (Belém, 2015); *Do Concreto ao Alegórico* (São Paulo, 2015); *Cronologia do Cotidiano: de Óbidos para Óbidos* (Óbidos, Portugal, 2014); *Iberê Camargo Século XXI* (Porto Alegre, 2014); N 49°55'33.959" e 7°47'52.224" / S 23°32'56.195" W 46°38'19.745" (Viena, 2013); *Galerie Hafemann* (Wiesbaden, 2012); *Tensão/Formas Navegatórias/Expedición* (Bogotá, 2011); *DoceAñosOchoMesesVeintiséisDias* (Bogotá, 2010).

LUIZ BALTAR

Fotógrafo e documentarista, nascido no Rio de Janeiro, graduado pela Escola de Belas Artes (UFRJ) e Escola de Fotógrafos Populares. Atualmente cursa pós-graduação em Fotografia e Imagem (IUPERJ/UCAM), além de cursos na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, Ateliê Oriente, Foto Contemporânea e Madalena Centro de Estudos da Imagem. Os temas centrais do seu trabalho são território, cultura e direito à cidade, buscando um diálogo entre a fotografia e questões sociais, com ênfase nas festas populares, mobilidade urbana e direito à moradia. Em 2009, passa a fotografar cenas urbanas,

como remoções forçadas e ocupações militares em favelas do Rio de Janeiro. Atualmente é fotógrafo do Programa Imagens do Povo, da agência fotográfica e centro de documentação e pesquisa no Complexo de Favelas da Maré (RJ) e integra o coletivo Favela em Foco e dos projetos Tem Morador e Folia de Imagens. Participou de coletivas na Alemanha, Argentina, Áustria, Espanha, Estados Unidos, França, Inglaterra, Suíça e Uruguai, com fotografias incorporadas ao acervo do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e à Coleção Joaquim Paiva. Mostras individuais e coletivas: Imagens da Escuridão e da Resistência (Rio de Janeiro); Fluxos, no 11a Paraty em Foco – Festival Internacional de Fotografia (Parati/RJ, 2015); Arte Pará (Belém, 2015); Coletiva e livro NÓS, 10 anos do Imagens do Povo (2015); Festival #Lille 3000, coletiva Cariocas! (França, 2015). Premiações: Brasil Fotografia, modalidade Ensaio Impresso (2016); Prêmio FotoRio – Leitura de Portfólio (2015) para a individual FotoRio (2016).

LUIZ BRAGA

Nasceu em 1956; vive e trabalha em Belém. Gradua-se em Arquitetura e trabalha com fotografia desde 1975. Sua obra é reconhecida pela experimentação e domínio da cor, e pela abordagem original da visualidade amazônica, passando ao largo dos estereótipos que moldaram a visão do mundo sobre a região. Dentre as premiações destacam-se: o "Leopold Godowsky Jr.; Color Photography Awards" da Boston University (1991); Prêmio Porto Seguro Brasil (2003) e o Prêmio de Artes Plásticas Marcantonio Vilaça (Funarte). Suas obras estão presentes em acervos privados e públicos, como o MAR-Museu de Arte do Rio; da Pinacoteca do Estado de São Paulo; Perez Art Museum de Miami; Centre Culturel Les Chiroux (Bélgica). Representou o Brasil na 53a Bienal de Veneza (2009). Sua exposição Retumbante Natureza Humanizada foi premiada pela APCA como a melhor de fotografia de 2014.

QUALQUER qUOLETIVO

Projeto coletivo criado em 2009, em Belém (PA), pelos artistas Ícaro Gaya, Lucas Gouvêa, Mateus Moura, Pedro Olaia e Romário Alves, que alia a sua proposta conceitual à atuação artística e politicamente crítica, no circuito cultural da cidade de Belém e estado do Pará. Nesta concepção, o qUOLETIVO não se restringe a um grupo de artistas locais, agregando processos criativos, vivências, tecnologias e técnicas inovadoras nos trabalhos de Intervenções Urbanas, Cinema Improviso, Performances de Rua, Rituais, Artes Visuais

e Cênicas, Literatura, e outras criações que expressam um olhar poético sobre a região amazônica, sem abdicar da resistência às imposições. Esta articulação vem fortalecendo a produção regional no campo das artes plásticas e visuais, destacando-se a participação de vários artistas nas performances Diluidades e Égua Sarau, realizadas em Belém; a contribuição publicada no livro/dossiê Por uma Cartografia Crítica da Amazônia; a proposta do qUOLETIVO para uma vivência na 31ª Bienal de São Paulo e a indicação ao prêmio PIPA/2015.

RAFAEL RG

Natural de Guarulhos, vive e trabalha entre Belo Horizonte, Guarulhos e Vitória. Mestrando em Artes e Literatura pela UFMG e graduando em Artes Visuais pela Escola de Belas Artes de São Paulo. O artista utiliza duas fontes para a criação de seus trabalhos: uma documental e outra afetiva, em geral com o uso de documentos garimpados em arquivos institucionais ou pessoais associados a narrativas que podem envolver sua pessoa ou um alter ego. A interação entre essas territorialidades resulta em obras que se aproximam de uma ficção ou de uma noção tensa de ficcionalidade.

Participou de mostras e festivais no Brasil e em outros países, como Argentina, México, Colômbia, Alemanha, Polônia, Espanha e Holanda.

Premiações, bolsas e residências artísticas: 1º Prêmio Foco ArtRio; Prêmio Honra ao Mérito Arte e Patrimônio (IPHA); Prêmio aquisição do Centro Cultural São Paulo; Bolsa Iberê Camargo para residência no Künstlerhaus Bremen (Alemanha); Bolsa Pampulha para residência no Museu de Arte da Pampulha (Belo Horizonte).

ROMY POCZTARUK

Nasceu em Porto Alegre (RS), onde mora e trabalha. É mestre em Poéticas Visuais pela UFRSS. Seu trabalho alia simulações com a posição da qual o artista interage com vários lugares e as relações possíveis entre outros campos disciplinares com o campo da arte, gerando efeitos poéticos em diversos meios e suportes.

Mostras coletivas e individuais: Uma coleção particular (São Paulo, 2015); Telón De Fondo (2015); Backroom Caracas (Venezuela, 2015); 31ª Bienal de São Paulo (2014), BRICS (2014); OI Futuro Flamengo (Rio de Janeiro, 2014); Convite à Viagem – Rumos Artes Visuais (São Paulo, Rio de Janeiro, Goiânia, 2011-2013); 9ª Bienal do Mercosul (Porto Alegre, 2013); Region 0 - The Latino Video Art Festival of New York (New York, 2013); 64º Salão Paranaense (Curitiba, 2012); Prêmio

Diário Contemporâneo de Fotografia (Belém, 2012); Percursos Simulados (São Paulo, 2011); Simulated Pathways; Skalitzer 140 (Berlim, 2011). Foi contemplado com a Bolsa Iberê Camargo e realizou residências artísticas no: Bronx Museum (Nova York); Sunhoo Creatives in Residency (China); Takt Kunstprojektraum Berlim e Instituto Sacatar (Bahia).

VIRGÍNIA DE MEDEIROS

Baiana de Feira de Santana, atualmente reside e trabalha em São Paulo, além de Salvador e Rio de Janeiro. A artista adapta imagens documentais para usos subjetivos, pessoais e conceituais, em uma releitura e representação da realidade e da alteridade. Mostras individuais: Studio Butterfly e Outras Fábulas (São Paulo, 2014); Fala dos Confins (São Paulo, 2010); Faille, La Chambre Blanche (Québec, 2007).

Coletivas: Set to go (Vilnius, Lituânia, 2016); Artistas Vencedores 5º Prêmio Marcantonio Vilaça (Belo Horizonte, 2016); Rainbow in the (Malmö, Suécia, 2015); Crossings and passages: the unequal accumulation of time/Poetry in Between - South/South (Cape Town, 2015); Do Valogo à Favela (Rio de Janeiro, 2014-2015); Rainbow in the Dark (Galata, Istambul, 2014); Salón de Belleza [Beauty Salon], Utopian Pulse - Flares in the Darkroom (Viena, 2014); 31ª Bienal de São Paulo (São Paulo, 2014); Das viagens, dos desejos, dos caminhos (Vitória, 2014); 18º Festival Internacional de Arte Contemporânea Sesc - Videobrasil (São Paulo, 2013-2014); Roesler Hotel # 24: Cães Sem Plumagens [prólogo] (São Paulo, 2013); Metrô de Superfície (São Paulo, 2012); Itinerários, Itinerâncias: 32º Panorama de Arte Brasileira (São Paulo, 2011); 2ª Trienal de Luanda "Geografias Emocionais, Arte e Afectos" (Luanda, 2010);.

Premiações: Prêmio PIPA e PIPA Voto Popular/bolsa na Residency Unlimited (Nova York, 2015); 18º Festival de Arte Contemporânea Sesc-Videobrasil/bolsa Residency Unlimited (Nova York, 2014); Prêmio aquisição do Marcantonio Vilaça (2013); Bolsa Funarte (2012); Residência Artística da Fundaj e CCBNB (2012); Bolsa PIESP (2011).

WAGNER BARJA

Atualmente vive e trabalha em Brasília (DF). Mostras individuais: Experiência Tumulto III - Antologia - 30 anos da obra (Brasília, 2015); Arapucas Semânticas - Bio Intervenção (Rio de Janeiro, 2012); Projéteis (Funarte, 2012); Intervenção Terinvenção - Videoarte/Performance - Off Limit's (Madri, 2011); Experiência Tumulto II - Uma Teoria da Visibilidade (Buenos Aires; Brasília); A Vitória do Gallo (Cachoeira do Arari Marajó, 2008); Intervenção Urbana Rede (Funarte, 2009).

coletivas: Vértice - Coleção Sérgio Carvalho - arte contemporânea brasileira - 2000/2015 (São Paulo, 2016); Arapucas Semânticas (Rio de Janeiro, 2015/16); Arte Pará (Belém, 2015). Panorama Brasília 55 Anos (Brasília, 2011).

YURI FIRMEZA

Mestre em Poéticas Visuais pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, e professor do curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Federal do Ceará. Realizou diversas curadorias, participou de festivais de cinema e exposições no Brasil e no exterior:

31ª Bienal de São Paulo; Through the surface of the pages (Boston/EUA); 62nd International Short Film Festival (Oberhausen); Amor e Ódio à Lygia Clark (Varsóvia); Turvações Estratigráficas (Rio de Janeiro); 33º Panorama da Arte Brasileira (São Paulo); Programa Rumos Itaú Cultural; Residência Arte In Loco (Buenos Aires); Bolsa Pampulha; Prêmio Marcantonio Vilaça.

Curadorias: Solon Ribeiro: Quando o Cinema se Desfaz em Fotograma (Galeria Athena); Transborda (Galeria Casa Triângulo); Bângala: Yakã Ayê - em parceria com Uirá dos Reis (Galeria Gentil Carioca); Encontro Sul-Americano Inventando o Lugar (em parceria com Beatriz Lemos); Conferência Internacional: A Imagem-pensamento de Letícia Parente (em parceria com André Parente e Solon Ribeiro).

ARTE PARÁ 2015

EXPOSIÇÃO

Curadoria

Paulo Herkenhoff

Curadoria Adjunta/Júri seleção

Armando Queiroz

Bitu Cassundé

Pablo Lafuente

Coordenação Geral

Roberta Maiorana

Vânia Leal Machado

Assistente de Coordenação

Fabírcia Sember

Curadoria Educacional

Vânia Leal Machado

Luana Machado

Criação Mídia TV

Marco Del Fiol - Mão direita

Criação Logomarca Arte Pará 2015

Julio Dui

Programação Visual

Maria Alice Penna

Assistente

Suanny Lopes

Plotagem

Rodolfo Cerveira

Projeto de Montagem

Maria Alice Penna

Roberta Maiorana

Gerente de Montagem

Marta Freitas

Assistentes de Montagem

Andreia Cunha, Marcus Reinaldo, Mario Kelsen,

Márcio Campos, Andrey Duarte, Cristiano

Damasceno, Yan Santos, Wesley Cavalheiro,

Rafael William, Milton Soeiro, Marcus Moreira

Equipe MPEG/Projeto e Gestão Expográfica

Carlota Brito, Fernanda Conceição de Queiroz,

Martha Carvalho

Estrutura

Aureliano Lins, David Dantas

Equipe de Apoio

Museu do Estado do Pará, Museu Paraense Emílio

Goeldi, Espaço Cultural Casa das Onze Janelas

Segurança

Grupo Elite de Segurança

Service Amazon

Elétrica MEP/Espaço Cultural Casa das Onze Janelas

Araújo Abreu Engenharia

CATÁLOGO

Curadoria

Paulo Herkenhoff
Curadoria Adjunta
Armando Queiroz
Bitu Cassundé
Pablo Lafuente

Coordenação Editorial

Roberta Maiorana
Vânia Leal Machado

Projeto Gráfico

Maria Alice Penna

Editoração Eletrônica

Ezequiel Noronha Jr.

Fotografia

Frank Tielemans

Assistente de Fotografia

Tania Tielemans

Fotografias Educativo

Otávio Tsuyoshi Iwabuchi

Textos

Núcleo Armando Queiroz – Artistas

Elza Lima, p.71
Francisco Klingner Carvalho, p.28
Luiz Braga, p.36
QUALQUER QUOLETIVO, p.46
Wagner Barja, p.54

Núcleo Bitu Cassundé – Artistas

Ayrson Heráclito, p.12
Bárbara Wagner e Benjamin de Burca, p.18
Carlos Mélo, p.94
Cristiano Lenhardt, p.76
Yuri Firmeza, p.102

Núcleo Pablo Lafuente - Artistas

Daniel Lie, p.25
Fabiana Faleiros, p.78
Luiz Baltar, p.32
Rafael RG, p.41
Romy Pocztaruck, p.98
Virgínia de Medeiros, p.43

Dominik Giusti, p.112, 113
Horácio Higuchi, p.95
Lucidéa Maiorana, p.5
Paulo Herkenhoff, p.8 e 61
Roberta Maiorana, p.7
Vânia Leal Machado, p.107 a 110
Virgínia de Medeiros, p.87

Revisão de textos

Iraneide Silva

Ficha Catalográfica

Cleide Oliveira

Impressão

RM Graph

Todas as imagens e informações contidas nos textos são de inteira responsabilidade de seus autores.

CURADORIA EDUCACIONAL

Concepção

Vânia Leal

*Arte Contemporânea em espaços museológicos:
inter-relações de negociações*
Armando Sobral

Curadora Adjunta

Luana Leal Machado

*Ética na Mediação/Tipos de público e ações nos espaços
expositivos*
Vânia Leal

EDUCADORES

Museu do Estado do Pará

Geovane da Silva Ferreira
Mariana Corrêa de Alencar
Renato da Silva Macedo
Yanne Neves

Percursos da Arte na Educação
Luana Machado

Vivência, Fotografia e imaginação

Núcleo de fotografia do Centro Cultural Sesc Boulevard
Paula Sampaio

Espaço Cultural Casa das Onze Janelas

Pedro Oliveira Sampaio
Sílvia Araújo

Poética Artística
Elen Gruber

Museu Paraense Emílio Goeldi

Benedito Mello Junior
Larissa Leal Lima
Samanta Correa

CONVERSA APROXIMADA DO ARTISTA NO ESPAÇO EXPOSITIVO COM EQUIPE MEDIAÇÃO

Bárbara Wagner e Benjamin de Burca (PE)
Daniel Lie (SP)
Fabiana Faleiros (SP)
Luiz Baltar (RJ)
Rafael RG (SP)
Wagner Barja (DF)

SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO E ARTE 34ª EDIÇÃO ARTE PARÁ 2015

*Apresentação do Projeto Arte Pará e ações educativas
que vão integrar a edição Ano 2014*
Vânia Leal
Luana Machado

SEMINÁRIO ARTE EDUCAÇÃO "REFLEXÕES E INSTRUMENTALIZAÇÃO NA ARTE CONTEMPORÂNEA ARTE PARÁ 2014 PARA PROFESSORES DA REDE ESTADUAL E MUNICIPAL DE ENSINO Vânia Leal

*Arte contemporânea em espaços culturais:
apresentação dos espaços expositivos Arte Pará e
Sistema Integrado de Museus*
Márcia Helena Pontes

*Oficina: "A oralidade no princípio era o verbo-os fios da
memória na voz do contador de histórias"*

*A Mediação Cultural na Arte Contemporânea e
A linguagem da Arte Contemporânea.*
Val Sampaio

Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG) em parceria
com o projeto Potencialização e valorização do Idoso
coordenado por Filomena Secco e o Espaço Cultural
Nossa Biblioteca do Guamá.

LUDICIDADE: jogo, brinquedo e brincadeiras na dança
Mariana Marques Kellerman

Projeto Arte Pará e processos curatoriais
Marisa Mokarsel

CONVERSA APROXIMADA COM O PÚBLICO NO ESPAÇO CULTURAL SESC BOULEVARD Wagner Barja (DF)

AGRADECIMENTOS

Ademar Queiroz Júnior, Adriana Lima, Alcione Santos, Aldo Batista Rodrigues, Alessandra Correia, Alison Borges, Ana Cristina Chaves, Ana Karolina Jorge, Ana Vilacy Galúcio, Andrey Duarte, Antonio Eutálio Correia, Any Andrade, Argemiro Guerreiro, Armando Queiroz, Bitu Cassundé, Bruna Sousa, Carlos Souza, Carlota Brito, Carmem Peixoto, Carol Abreu, Claudia Aline, Cleber Sandrim, Cleide Oliveira, Denise Benassuli, Doraly Amaro, Doris Ferreira Rodrigues, Edgar Augusto, Edilene Portilho, Edson Viana, Eli Sumida, Eliza Real, Emídio Contente, Erica Lima, Esther Elgrably, Fernanda Conceição de Queiroz, Frank Tielemans, Glenn Harvey Shepard Jr., Graça Ormanes, Haroldo Tuma, Heldilene Reale, Horácio Higuchi, Ian Ferreira, Íris Letiere, Jean Gama, João Duarte, João Evangelista, José Maria Vilhena, Juliana Barroso, Juliana Macêdo, Julio Dui, Karol Gillet Soares, Leonel Ferreira, Lívia Paixão, Lívia Gonzaga Bertuzzi, Luana Couto, Luciana Akim, Luciano Dias, Luis Low, Luís Peixoto, Marcelo Cerveira, Márcia Helena Pontes, Márcio Campos, Márcio Rolim, Marco Del Fiol, Marcos Campelo, Marcos Cezar Silva Pinho, Marcos Favacho, Marcos Moreira, Maria Emília Sales, Mariana Sampaio, Mário Martins, Marisa Mokarzel, Martha Carvalho, Michele Queiroz, Milene Claudino, Milton Meira, Milton Soeiro, Nair Burlamaqui, Natércia Souza, Nedílea Negrão, Nilson Damasceno, Nilson Gabas Júnior, Norberto Tavares Ferreira, Orlando Maneschy, Oswaldo Forte, Pablo Lafuente, Padre Ronaldo Menezes, Paula Sampaio, Paula Souza, Paulo Chaves Fernandes, Paulo Herkenhoff, Paulo Roberto Santi, Pedro Júnior, Raimundo Amilson Pinheiro, Raquel Silveira, Ravy Bassalo, Renata Maués, Rosaleta Dias, Rui Lima, Sâmia Lopes, Samuel Sóstenes, Sebastião de Oliveira Campos, Sérgio Melo, Simão Robison Oliveira Jatene, Simone Silva Gomes Barbosa, Solange Cassundé, Suelen Silva, Suely Nascimento, Tânia Tielemans, Thiago Leite, Tomé Coelho Mendes, Wanda Okada, Wânia Martins, Wilsom Oliveira, Zenaide Pereira de Paiva.

AGRADECIMENTOS INSTITUCIONAIS

Centro Cultural SESC Boulevard
Círculo Engenharia
Coordenação de Educação e Extensão do SIM
Coordenação de Montagem e Curadoria do SIM
Empresas terceirizadas
(Araújo Abreu, Security Amazon, Service Amazon e Look Engenharia)
Espaço Cultural Casa das Onze Janelas
Governo do Estado do Pará
Labcon – MPEG
Museu Histórico do Estado do Pará – MHEP
Museu Paraense Emílio Goeldi – MPEG
Prefeitura Municipal de Belém
Projeto O Liberal na Escola
Restaurante Pomme D'or
RM Graph
Secretaria de Estado de Obras Públicas - SEOP
Secretaria Executiva de Cultura - SECULT
Serviço de Comunicação Social MPEG
Serviço Social do Comércio – Regional Pará
Sindicato das Empresas de Transportes de
Passageiros de Belém – SETRANSBEL
Sistema Integrado de Museus e Memoriais – SIM
Sol Informática
Studio Anna Maria Maiolino
Universidade Federal do Pará

A todos os artistas selecionados e convidados, pesquisadores, curadores, fotógrafos, colaboradores e a equipe das ORM que contribuíram para a realização deste projeto.



Lucidéa Maiorana
Presidente

Roberta Maiorana
Diretora Executiva

Romulo Maiorana Jr.
Rosângela Maiorana Kzan
Fernando Nascimento
Conselho Consultivo

Fabírcia Sember
Assistente Executiva

Aureliano Lins
Estrutura da FRM

Fundação Romulo Maiorana
Av. Romulo Maiorana, 2473 – Marco – CEP: 66.093-055
Fones: (91) 3216.1142 3 3216.1125 – Fax: (91) 3216.1125
E. mail: fundrm@oliberal.com.br
Telegramas: jornal O Liberal
Belém – Pará – Brasil
website: www.frmaiorana.org.br

Curadoria Geral e organização,
Paulo Herkenhoff

Organizador e Curador Adjunto
Roberta Maiorana
Vânia Leal Machado
Armando Queiroz
Pablo Lafuente
Bitu Cassundé

Ficha Catalográfica
Cleide Oliveira
CRB 1130

Dados Internacionais de Catalogação da Publicação (CIP)
Cleide Oliveira

A 786 Arte Pará 2015 ano 34.- Belém: Fundação Romulo Maiorana,
2016

128 p. il..

ISBN: 978-85-62494-11-6

1. Arte. I. Título

CDD 700



Este catálogo foi impresso pela RM Graph, no papel Couché fosco 150 g/m² para o miolo e no papel Cartão Supremo Duodesign 350 g/m² para a capa. Foi utilizada a tipologia Open Sans. A tiragem inicial foi de 650 exemplares.

PATROCÍNIO



APOIO



REALIZAÇÃO





Romulo Maiorana
FUNDAÇÃO ROMULO MAIORANA